

ECLESIASTES E A RUPTURA COM A TEOLOGIA DA RETRIBUIÇÃO

Haroldo Reimer

Como parte da literatura sapiencial da Bíblia, o livro de Eclesiastes representa uma voz, ou várias vozes, da chamada 'crise da sabedoria', da qual também o livro de Jó é expressão. Tal crise não se caracteriza por pobreza de reflexão, mas justamente pela reflexão crítica sobre um tipo de pensamento sapiencial hebraico que entra em crise frente à pobreza e às mudanças abruptas na própria vida e história do povo hebreu no período.

Como obra de reflexão crítica, Coélet recolhe e analisa criticamente elementos da cultura tradicional judaica, mas também da cultura grega. O livro, pois, respira uma tensão entre estas duas grandezas. Os elementos tradicionais não são simplesmente descartados por Coélet, mas têm uma presença em suas reflexões na medida em que são citados e criticamente analisados. Verifica-se, assim, pois, que, apesar de toda a crítica, Coélet está situado dentro do conjunto das tradições formativas e influenciadoras do pensamento hebraico.

Há também algumas discussões de elementos do pensamento grego. Para a filosofia grega, a felicidade e o bem-estar da pessoa residem na iniciativa e na perseverança do próprio ser humano para sua efetivação, dentro de uma idéia de possibilidades ilimitadas, com supressão de todos os elementos indisponíveis. Em parte, Coélet comunga de tais idéias, mas continua afirmando que a felicidade e o bem-estar são de alguma forma dádivas da divindade; são a 'porção' (*heleq*) destinada por direito a toda pessoa.

Da tradição hebraica, o principal ponto criticamente discutido é o sistema de pensamento que preconiza uma relação de causa-efeito, típico da sabedoria clássica de Israel. Neste sentido, tradicionalmente, afirmava-se que a causa da graça ou da desgraça na vida das pessoas residia em suas próprias ações. Tal relação de retribuição pode ser concebida tanto na horizontalidade das relações sociais quanto na verticalidade das relações do ser humano com a Divindade. Neste jeito de pensar, em últimos casos, o ser humano é sempre responsável pelo seu próprio destino, porém sempre dentro de uma concepção retributiva. Assim, o zelo no trabalho conduziria a bem-estar social e riqueza, e ser sábio conduziria a estima e consideração. Desgraças adviriam conseqüentemente da negligência ou dos pecados do ser humano. É muito provável que tal tipo de pensamento tenha sido manejado sobretudo pelas elites e também pelo sacerdócio a partir do templo.

Na ótica de Coélet, porém, este sistema tradicional de causa-efeito não consegue mais explicar a realidade, conduzindo a uma ruptura entre tradição e experiência (7,15-16; 8,12-14). Os infortúnios da vida não mais poderiam ser explicados pela ação ou pela negligência nem das pessoas nem de Deus. Essa era também a questão central do livro de Jó, lá respondida através da idéia de uma grandeza fora do ser humano e também fora de Deus. No livro de Jó, as figuras de Satã, Beemot, Leviatã representam esta grandeza capaz de interferir negativamente na vida das pessoas. Coélet, porém, não segue nesta lógica da discussão sobre a teodicéia, isto é sobre a justiça de Deus. O objetivo de seu pensamento crítico é uma relativização de todos os valores tradicionais apregoados pela sabedoria clássica (poder, conhecimento, riqueza, trabalho, posteridade, culto, etc). Em suas reflexões, a certeza e a inevitabilidade da morte constitui elemento fundamental.

A teologia da retribuição era um jeito de pensar que nasceu primeiramente na observância de relações entre as pessoas dentro de uma sociedade relativamente homogênea, isto é sem grandes diferenças sociais. Depois acabou virando algo como um dogma, com o qual se queria explicar as graças e as desgraças das pessoas. Acabou sendo uma ideologia dos que estavam bem na vida. Era também sobretudo o tipo de teologia cultivada especialmente no Templo de Jerusalém pela classe sacerdotal.

Na lógica do templo importava colocar na cabeça das pessoas a idéia de que elas mesmas são responsáveis por suas desgraças e infortúnios. Isso era especialmente interessante para o empreendimento religioso no templo. Havia um conjunto de leis e normas que deveriam ser observados para que o 'fiel' estivesse nas boas graças de seu Deus. Disso faziam partes promessas e ofertas a serem dadas. Era um esquema religioso que ajudava a oprimir ainda mais as pessoas simples e pobres. De certa forma é assim ainda hoje: as pessoas são levadas ou se deixam levar para dentro de um complicado sistema de promessas e ofertas. A expressão no mundo evangélico "Deus é fiel" significa que Ele é fiel em relação àquelas pessoas que fazem a oferta regular de dízimos e outras dádivas. No mundo católico, o ditado "domingo sem missa, semana sem graça" expressa quase o mesmo. O fiel está enrolado dentro de um sistema de obrigações religiosas.

Numa postura crítica em relação ao sistema sapiencial clássico e também em relação à instituição do templo e do sacerdócio, Coélet recomenda que as pessoas sejam mais cautelosas. Não se deve, segundo Eclesiastes, entrar logo fazendo promessas e fazendo parte deste sistema. "É melhor ouvir do que oferecer ofertas de tolos" (5,1). Para Eclesiastes, o templo, os sacerdotes e a religião constituída podem ser uma forma de inversão, de *hebel*, de um grande vazio.

Coélet, porém, não descrê completamente da Divindade. Se alguém tiver feito um voto, deve tratar de cumpri-lo. Pois, ninguém é obrigado a fazer promessas. Mas se as fez, deve cumpri-las. Isso é um respeito quase 'profano', 'distanciado' em relação a todo o conjunto de práticas religiosas, como eram realidade naquele tempo, mas em boa medida também se expressam nos tempos de hoje. É uma forma de temor a Deus.

Originalmente publicado em:

REIMER, Haroldo (org.). *Eclesiastes*. A sabedoria do viver e conviver. São Leopoldo: Cebi, 2006, p. 31-33.